



# Projeto Livro Livre

## Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

# Literatura



## Martins Pena

*O caixeiro da taverna*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# *O caixeiro da taverna*

## Martins Pena

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1847.

Livro Digital nº 845 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

**Luís Carlos Martins Pena**

**(1815 - 1848)**



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# O CAIXEIRO DA TAVERNA



## PERSONAGENS:

MANUEL (primeiro caixeiro)

ANGÉLICA (dona de casa)

DEOLINDA (costureira)

FRANCISCO (oficial de latoeiro)

QUINTINO (sargento de fuzileiros)

ANTÔNIO (caixeiro)

JOSÉ (caixeiro, personagem muda)

*A cena passa-se na cidade do Rio de Janeiro.*

## ATO ÚNICO

### CENA I

*O teatro, na antecena, representa uma sala com portas laterais e suas no fundo, pelas quais se vê o interior de uma taverna com seu balcão, onde estará um caixeiro e mais arranjos necessários tudo distribuído de modo tal, que fiquem bem a vista do espectador as pessoas de diferentes condições que entram na taverna durante a representação. De um e outro lado da sala, haverá algumas pipas, como é costume nas tavernas. No primeiro plano, à esquerda, uma escrivaninha apropriada ao lugar, etc. Ao levantar do pano, Manuel estará sentado a escrivaninha, verificando contas.*

MANUEL (*continuando a somar*)

...E 4 são 10, e 9, 19, e 7, 26, soma tudo... duzentos e sessenta e oito mil trezentos e vinte réis... que deve o Sr. Laurindo da Costa à Viúva Pereira, por gêneros comprados em sua taverna durante cinco meses. Este é bom pagador, dinheiro seguro. (*Pegando em outra conta*) O Major José Felix deve à Viúva Pereira, etc., cento e vinte e nove

mil e oitocentos réis... Contem com este... dinheiro perdido... É isto, querem todos comer a boa manteiga, o queijo frescal, o gordo paio... É só mandar um bilhete: Sr. Manuel, mande-me isto; Sr. Manuel, mande-me aquilo; mas quando chega a ocasião de pagar as contas é que são elas. Este não paga, aquele desculpa-se, outro descompõe, quer dar no pobre cobrador... É um inferno!... Ora, deste pobre major tenho eu pena. Mal lhe chega o soldo para pagar casa e educar quatro filhos que tem; mas, bem pensando, a venda de minha ama não é montepio militar... A nação que pague! (*Chamando*) Ó José? José?

## CENA II

*Entra um menino de doze anos, de calça e em mangas de camisa, calçado de tamancos e muito sujo.*

MANUEL

Toma estas contas, vai cobrá-las. Os nomes aí estão (*Dá um maço de papéis*) Se algum dos devedores não quiser pagar, dize-lhe que o mandarei por no Jornal do Comércio. Anda, vai. (*O menino sai*) É o que se vê – tudo anda pingando. (*Levantando-se*) É boa! Quem come, pague! E quem não pode pagar, não coma... Ó Sr. Antônio? Sr. Antônio?

ANTÔNIO (*dentro*)

Senhor?

MANUEL

Chegue cá.

## CENA III

*Manuel a Antônio, que entra do mesmo modo que José. – Chegou a pipa de aguardente que se foi buscar Trapiche da Ordem?*

ANTÔNIO

Já, sim senhor.

MANUEL

Pois recolha-a, e logo à noite tempere-a com quatro barris de água.

ANTÔNIO

Sim senhor.

MANUEL

Os direitos cada vez estão mais subidos, e como não podemos encurtar as medidas, aumentamos o líquido... Em que estado estão aquelas pipas de vinho de Lisboa?

ANTÔNIO

Ambas pelo meio.

MANUEL

Pois acabe de as encher com água fresca e bote-lhe dentro dois engaços de bananas e uma porção de pau-campeche para lhe dar cor e tom; e quando o vender, diga aos fregueses que é vinho superior da Companhia do Alto-Douro.

ANTÔNIO

Sim senhor.

MANUEL

E não se esqueça de pendurar à porta este letreiro. (*Tira de sobre a carteira um rótulo com letras grandes, que digam: único depósito da companhia do Alto-Douro*) O público deixa-se levar por estas imposturas. Pode ir.

(*Antônio sai com o rótulo*)

#### CENA IV

*Manuel e depois Francisco.*

MANUEL

Estou fatigado! Muito custa dirigir-se uma venda bem afreguesada como esta. Mas, ah, se eu dela fosse dono, outro galo cantaria... Há seis anos que cheguei do Porto e ainda sou caixeiro. Não pensei, quando vim para o Brasil, que fizesse fortuna tão devagar. É verdade que sou primeiro caixeiro da taverna da viúva de meu amo, mas o que é isto para mim? Para mim, que sou ambicioso? Sim, uma ambição roedora me estraga a alma, dorme e acorda comigo, não me deixa um só instante tranquilo; traz-me em delírio, confunde-me as ideias. Ah, quantas vezes tenho eu vendido aguardente de França por aguardente do Reino, linguiças por paios e cebolas por alhos! Ambição, horrível martírio, quando te verei satisfeita?

*(Entra Francisco)*

FRANCISCO

Adeus, Manuel.

MANUEL

Como estás, Chico?

FRANCISCO

Vamos remando, contra a maré.

MANUEL

Chico, tu és bem feliz!

FRANCISCO

Eu? estás enganado; no mundo não se pode ser feliz sem dinheiro, e eu não o tenho.

MANUEL

Trabalha e terás.

FRANCISCO

Trabalha! Sou, como bem sabes, oficial de latoeiro, e já por muitas vezes te tenho dito o que presentemente ganha um oficial de latoeiro. Olha, Manuel, minha avó dizia que no tempo dos vice-reis

e mesmo no tempo de el-rei, qualquer que tivesse um ofício ganhava a vida e ainda ajuntava dinheiro. Agora o caso é outro.

MANUEL

Deixa-te disso.

FRANCISCO

Ora, dize-me, o que pode fazer um pobre latoeiro de país, quando a Rua do Ouvidor está cheia de latoeiros e lampistas franceses? Meu caro, se não fossem as seringas que fazemos para os moleques brincarem o entrudo, não sei o que seria de nós.

MANUEL

Se vocês trabalhassem tão bem como eles...

FRANCISCO

É um engano, é uma mania, e todos vão com ela; é obra estrangeira, e basta! Não se vê por esta cidade senão alfaiates franceses, dentistas americanos, maquinistas ingleses, médicos alemães, relojoeiros suíços, cabeleireiros franceses, estrangeiros de todas as seis partes do mundo. E resistem os artistas do país, se são capazes, a essa torrente! Porém meu pai é que é o culpado de estar eu hoje como estou.

MANUEL

Como assim?

FRANCISCO

Em lugar de ensinar-me o seu ofício, como ensinou-me, podia ter-me mandado para S. Paulo estudar leis. Bem podia estar deputado.

MANUEL

Ah, ah, ah! Deste modo podemos ser tudo...

FRANCISCO

Manuel, tu és filho de Portugal e não estás bem ao fato da nossa Constituição. Ela diz: A lei é igual para todos. Isto quer dizer que todos podem ser tudo.

MANUEL

Ah, entendes assim?

FRANCISCO

No talento é que está a diferença. O homem de talento pode ser tudo quanto quiser, e tu bem sabes que eu tenho talento... Ainda ninguém pôde fazer, como eu, uma seringa de entrudo que esguiche água mais longe.

MANUEL

Ora, Chico! (*Sorrindo-se*)

FRANCISCO

Ora, Manuel, não sei o que te diga; às vezes custa mais fazer-se uma seringa de esguicho do que certas leis.

MANUEL

Estás hoje pregador.

FRANCISCO

Estou zangado; tu és feliz.

MANUEL

Feliz?

FRANCISCO

Há oito meses que teu amo morreu e a viúva não poderia continuar com a taverna aberta sem o teu auxílio. Eras o único, como primeiro caixeiro, que sabia das transações do defunto.

MANUEL (*à parte e concentrado*)

E ainda sou caixeiro.

FRANCISCO

Manuel, um negócio aqui me traz. És meu amigo, devo comunicar-te, até porque és nele interessado.

MANUEL

Interessado? E como?

FRANCISCO

Estou resolvido a casar-me.

MANUEL

Queres-me dar interesse no teu casamento?

FRANCISCO

Não. A mulher escolhida por mim é tua ama.

MANUEL

Minha ama?

FRANCISCO

Ela mesma, e tenho razões para supor que lhe não sou indiferente.

MANUEL (*pegando-lhe no braço*)

Chico, és meu amigo?

FRANCISCO

Duvidas? Experimenta.

MANUEL

Desiste desse casamento.

FRANCISCO

Que eu desista? E por quê?

MANUEL

Por quê? Não te posso dizer.

FRANCISCO

Percebo... Queres-te casar com ela. Pois bem, mostrarei que sou teu amigo. Casa-te; tens mais direito do que eu... já estás em casa.

MANUEL (*abraçando-o*)

Obrigado, amigo.

FRANCISCO

Pois bem, casar-me-ei com a nossa vizinhança Deolinda.

MANUEL

Chico, tu não te casará com Deolinda!

FRANCISCO

Hein?

MANUEL

Digo-te que não casarás com ela.

FRANCISCO

Essa agora é melhor! E por que não me casarei?

MANUEL

A Deolinda já está casada.

FRANCISCO

Casada? E com quem?

MANUEL (*em voz baixa*)

Comigo.

FRANCISCO

Contigo? Mas que diabo de trapalhada é essa? És casado e queres casar?

MANUEL

Chico, olha atentamente para mim.

FRANCISCO

Estou olhando.

MANUEL

Vês em mim um homem profundamente ambicioso...

FRANCISCO

Tu?

MANUEL

Sim, eu! E de uma ambição tão frenética, que me levará à sepultura se a não vejo realizada... De uma ambição ambiciosa!

FRANCISCO

Tu me assustas! Acaso queres ser major da Guarda Nacional?

MANUEL (*com desprezo*)

Não.

FRANCISCO

Chefe de legião?

MANUEL

Não.

FRANCISCO

Tenente-general?

MANUEL

Não.

FRANCISCO

Conde? Marquês? Ministro?

MANUEL

Não.

FRANCISCO

Manuel, Manuel, que queres tu ser?

MANUEL (*com mistério*)

Sócio de minha ama!

FRANCISCO (*rindo-se*)

Ah, ah! E só isso?

MANUEL

Só, dizes tu? E que felicidade pode haver no mundo maior para mim? Ah, não sabes que satisfação será a minha, quando escrever em uma conta: Fulano deve a Manuel Pacheco e Viúva Pereira a quantia de tanto, por gêneros comprados em sua venda. Sua, amigo, sua! Ela será também minha!

FRANCISCO

Enfim, cada um tem lá ambição a seu modo.

MANUEL

E ainda sou caixeiro! Caixeiro! Sabes tu o que é um caixeiro? É um traste que paga imposto à Câmara Municipal, como qualquer carruagem ou burro.

FRANCISCO

Mas não vejo por que não queres que eu case com tua ama.

MANUEL

Não vês?

FRANCISCO

Logo que estiver casado, prometo dar-te sociedade.

MANUEL

Sabes tu se ela te ama?

FRANCISCO

Julgo que não lhe sou indiferente.

MANUEL

Pois digo-te eu que ela não te ama, porque ama-me.

FRANCISCO

A ti?

MANUEL

Sim, e de uma maneira desesperada e danada. Amigo, Deus te guarde de amor de mulher velha; é pior do que carrapato em orelha de burro. Compreendes agora a minha posição?

FRANCISCO

Ainda não muito bem.

MANUEL

Por amor – maldito amor! casei-me em segredo com Deolinda; nem o seu próprio irmão, o Sargento Quintino, já sabe. Pensa agora o que será de mim, se minha ama desconfiar que a desprezei por causa de outra mulher... Raivosa, expulsar-me-á desta casa e minhas esperanças serão malogradas. É preciso enganá-la até o dia em que assinarmos a escritura de sociedade.

ANGÉLICA (*dentro*)

Manuel?

MANUEL

Ela que me chama! Vai-te embora!

FRANCISCO

Adeus, e estimo que sejas bem sucedido.

MANUEL

Nem palavra...

FRANCISCO

Fica descansado. (*Sai*)

## CENA V

*Manuel e depois Angélica.*

MANUEL

Ela aí vem. Estou frio! Ai, que bocado amargoso! Ei-la.

ANGÉLICA (*entrando*)

Manuel?

MANUEL

Senhora minha ama?

ANGÉLICA

Ah, já estava inquieta...

MANUEL

Oh, isso é bondade de minha ama. Trabalhava.

ANGÉLICA

Não quero que trabalhes tanto, que podes adoecer. Far-me-ias muita falta.

MANUEL

Ninguém faz falta.

ANGÉLICA

As pessoas como tu fazem sempre falta.

MANUEL (*à parte*)

Temo-la!

ANGÉLICA

Não se encontram muitos caixeiros como tu.

MANUEL

Oh, minha ama, dá licença que vou ver aquilo lá pelo balcão como vai.

ANGÉLICA

Espera! Tens sempre tanta pressa quando falo contigo...

MANUEL

Acudir as minhas obrigações.

ANGÉLICA

Já te disse que não quero que te mates. Não acharei outra pessoa com as tuas qualidades.

MANUEL

Oh, minha ama, não mereço.

ANGÉLICA

Merece tudo. A experiência do mundo tem-me feito conhecer os homens.

MANUEL (*à parte*)

Que tal a experiência?

ANGÉLICA

É todo o meu cuidado zelar a tua saúde.

MANUEL

Tanta bondade!

ANGÉLICA (*suspirando e olhando para ele*)

Ai, ai!

MANUEL

Minha ama, sente alguma dor?

ANGÉLICA

Não.

MANUEL (*à parte*)

O caso está mau.

ANGÉLICA

Manuel, uma coisa te quero eu pedir.

MANUEL

É uma ordem que recebo.

ANGÉLICA

Espero que não frequentes certas ruas desta cidade e que, sobretudo, não arranches para essas patuscadas dos domingos, que fazem os caixeiros no Jardim Botânico, nos canos da Carioca e nas Paineiras. Tens visto o resultado.

MANUEL

Nunca gostei desses pagodes.

ANGÉLICA

Nem deves do mesmo modo frequentar os bailes mascarados.

MANUEL

Bailes? Não sei dançar.

ANGÉLICA

Manuel, nos bailes mascarados não se dança, joga-se! Dever-se-iam antes chamar jogos mascarados, ou outro nome que eu não quero dizer. Aí é que a perdição é certa... E o jogo tem levado muita gente boa a força; vê lá se queres também...

MANUEL

Morrer enforcado? Nada!

ANGÉLICA

Tu morreres? Ah! (*Chegando-se para ele*) O que seria de mim, quero dizer, da minha venda, Manuel? Não fales em morrer. (*Pegando-lhe na mão*) Eu te seguiria...

MANUEL (*à parte*)

Oh, homem, até depois de morto!

ANGÉLICA (*caindo em si, à parte*)

Ia traindo-me (*Alto*) Digo-te isto, porque se me faltares, o meu negócio vai por água abaixo.

## CENA VI

*Manuel, Angélica e Quintino (com farda de sargento de fuzileiros).*

QUINTINO (*entrando*)

Licença.

MANUEL (*à parte*)

Abençoada visita!

ANGÉLICA

Quem é?

QUINTINO

Um criado.

MANUEL (*reconhecendo-o em parte*)

Oh, diabo, é o irmão de minha mulher e meu cunhado sem o saber!

ANGÉLICA

Deseja alguma coisa?

QUINTINO

Dois dedos de conversa ali com o senhor...

MANUEL

Comigo?

QUINTINO

Sim senhor.

MANUEL

Pois vamos cá para fora.

ANGÉLICA

Espera, Manuel, onde vais?

QUINTINO

Podemos falar aqui mesmo.

MANUEL (*à parte*)

Eu tremo...

QUINTINO (*pondo a barretina à cabeça, de lado*)

Dizem neste quarteirão que o senhor namora minha irmã.

MANUEL

Não há tal.

ANGÉLICA

Como é lá isso?

MANUEL (*à parte*)

Estou arranjado...

QUINTINO

Foi a primeira notícia que hoje tive, assim que cheguei da Praia Vermelha. O sapateiro da esquina disse-me...

ANGÉLICA (*enfurecida*)

Como é isto, Manuel?

MANUEL

O senhor está enganado. (*Para Angélica*) Não sabe o que diz, está bêbado.

QUINTINO

O sapateiro da esquina disse-me que o viu entrar ontem à noite lá.

ANGÉLICA

Entrar lá?

MANUEL

E o que prova isso?

ANGÉLICA

O que prova? E esta!...

MANUEL

Sua irmã não cose para fora?

QUINTINO

Cose, sim senhor, e com muita honestidade.

MANUEL

Pois então? Mande fazer por ela umas camisas e fui ontem ver se estavam prontas; se quiser, vá perguntar-lhe.

QUINTINO

Se foi só por isso, o caso é outro...

MANUEL

E por que mais havia de ser? Importo-me cá com sua irmã? O que tenho eu com sua irmã? Faço lá caso dela? (*À parte*) E não me quer deitar a perder?

ANGÉLICA

Manuel!

MANUEL

Deixe-me.

QUINTINO

Está bom, homem.

ANGÉLICA

Manuel!

MANUEL

Estou zangado! Assim se desacredita ao homem de bem.

QUINTINO

Em uma palavra, não a namora?

MANUEL

Vá-se com todos os diabos você, sua irmã e toda a sua parentalha.

QUINTINO

Mais respeito!

MANUEL

Pois não me esquite a cabeça! Ora, não tenho eu mais que fazer! Deixar de cuidar nos interesses de minha boa ama, para namorar sua irmã. Era o que me faltava... Diga ao sapateiro que vá conversar com os defuntos. Irra!

QUINTINO

Basta. Como não se importa com ela...

MANUEL

Nem com você, sô barbaças!

QUINTINO (*puxando da espada*)

Barbaças?

(*Manuel corre para trás de Angélica*)

ANGÉLICA (*para Quintino*)  
Senhor!

QUINTINO  
Barbaças? Eu te ensinarei.

ANGÉLICA  
Senhor sargento...

QUINTINO  
Deixe-me sangrá-lo.

MANUEL (*à parte*)  
Quer fazer a irmã viúva...

ANGÉLICA (*para Quintino*)  
Tranquelize-se, embainhe essa espada.

QUINTINO (*para Manuel*)  
Já eu te rezava por alma. Respeito as senhoras; é o que te salva.

MANUEL (*à parte*)  
Belo cunhado!

ANGÉLICA  
O senhor sargento pode ficar descansado; o Sr. Manuel, meu primeiro caixeiro, não é capaz de desinquietar sua irmã.

MANUEL  
Que dúvida!

ANGÉLICA  
Tem outras coisas em que cuidar.

MANUEL  
Sim, tenho outras muitas coisas. (*Assim dizendo, pega na mão de Angélica e beija*)

ANGÉLICA

Ah! (*Pondo a mão sobre o coração*)

QUINTINO

Muito estimo, porque tenho cá certas vistas a seu respeito... Quero casá-la...

MANUEL (*à parte*)

Casar minha mulher!

QUINTINO (*continuando*)

...com o alferes de minha companhia.

MANUEL

Casá-la com o alferes?

QUINTINO

Sim. E tem que dizer?

MANUEL

Casá-la!

ANGÉLICA

E o que tens tu com isto?

MANUEL (*constrangendo-se*)

Nada, nada! (*À parte*) E então? (*Alto*) Pode casá-la com quem quiser.

(*À parte*) O diabo é se ela se esquece que está casada comigo...

QUINTINO

Meu menino, esta espada corta muito bem orelhas... E guarde-os Deus. (*Sai*)

## CENA VII

*Manuel e Angélica.*

MANUEL

Ora, aí está como se bota um homem a perder. Vem o diabo de um Ferrabrás destes provocá-lo.

ANGÉLICA

É um desaforo!

MANUEL

Se não fosse o respeito que tenho a esta casa, tinha-lhe cortado com aquela pipa à cabeça.

ANGÉLICA

*Soldado de Tarimba!*

MANUEL

Case lá a irmã com quem quiser.

ANGÉLICA

Mas tu te surpreendeste, quando ele disse que a ia casar com alferes.

MANUEL

Foi surpresa de compaixão. Quem pode ver de sangue frio entregar uma pobre menina daquelas a um extravagante como é o alferes?

ANGÉLICA

É extravagante?

MANUEL

Xi, como não faz ideia! Já foi coronel, e por causa de sua má cabeça tem descido de postos; breve soldado raso. Mas deixá-lo...

ANGÉLICA

Assim o querem, assim o tenham. Tratemos de nós.

MANUEL (*à parte*)

Ai!

ANGÉLICA

Manuel, eu estou resolvida a dar sociedade nesta minha venda a certa pessoa...

MANUEL (*à parte*)

Meu Deus!

ANGÉLICA

Uma mulher, por si só, pouco representa. Que dizes do meu projeto?

MANUEL

Que só resta-me sair desta casa.

ANGÉLICA

Sair de minha casa?

MANUEL

Enquanto sois dela única senhora, sirvo com prazer; mas quando tiverdes um sócio, um homem estranho, não posso, não devo.

ANGÉLICA (*sorrindo-se*)

Não sejas tão precipitado; espera um instante. Eu vou lá dentro escrever um papel; não te digo mais nada... Lerás... Espera, Manuelinho, espera; lerás... (*Sai*)

## CENA VIII

*Manuel, só, e depois Deolinda.*

MANUEL

Será possível? Ouviram bem meus ouvidos suas palavras? Espera, Manuelino, espera e lerás. Ó dita! Ó fortuna! Serei sócio! Sócio! Oh, o prazer sufoca-me; daqui a uma hora já não serei caixeiro; vou andar de cabeça levantada, orgulhoso, ufano... Sócio! Palavra

mágica! Ninguém, ninguém no mundo perturbará a minha felicidade.

DEOLINDA (*entrando*)

Manuel?

MANUEL

Oh, que havia-me esquecido de minha mulher!

DEOLINDA

Ouve...

MANUEL

Vai-te embora!

DEOLINDA

Hein?

MANUEL (*empurrando-a*)

Vai-te embora, diabo!

DEOLINDA

Assim me recebes? Queres que me vá?

MANUEL

Sim, sim.

DEOLINDA

Sabes que mais? Isto assim não pode durar... É preciso que declares o nosso casamento.

MANUEL (*com cólera e falando baixo*)

Desgraçada, cala-te, cala-te!

DEOLINDA

Se és meu marido...

MANUEL (*tapando-lhe a boca com a mão*)  
Cala-te, ou meto-te esta mão pela boca dentro.

DEOLINDA (*chorando alto*)  
Hi! hi! hi!

MANUEL (*raivoso e falando entre os dentes*)  
Olha que te mato!

DEOLINDA  
Hi! hi! hi!

MANUEL (*na maior aflição*)  
Se minha ama chega, estou arranjado! (*Raivoso*) Mulher! (*Indo espiar a porta*) Hoje me perco! Ainda estará escrevendo? (*Com ternura*) Deolinda...

DEOLINDA  
Hi! hi! hi!

MANUEL  
Deolinda, não chores, tem compaixão de teu marido, que tanto te ama.

DEOLINDA  
Deixe-me! Hi! hi! hi!

MANUEL (*à parte*)  
Se a velha chega... (*Para Deolinda*) Amanhã ou depois tudo declararei, mas hoje, oh!

DEOLINDA  
E até lá, meu irmão estará maltratando-me e atrapalhando-me para que eu me case com o alferes.

MANUEL  
Mas tu não te casarás!

DEOLINDA

Quem sabe!

MANUEL

Quem sabe! Isso são graças? vê lá...

DEOLINDA

Tenho muito medo de meu irmão, e demais, meu marido está tão misterioso... Não quer declarar-se...

MANUEL

E julgas que não tenho razões para assim fazer? Deolinda, minha cara Deolinda, escuta-me. Minha ama quer dar-me sociedade nesta venda, mas se ela souber que estou casado, tudo desfará.

DEOLINDA

E por quê?

MANUEL

Ela julga que um homem casado não deve ter sociedade com outra mulher e nem pode dirigir com todo o cuidado uma casa como esta. A mulher, os filhos, a família... tomam tempo...

DEOLINDA

E logo que fores sócio...

MANUEL

Oh, então declarar-me-ei...

DEOLINDA

Pois, esperarei, visto que esse é o motivo.

MANUEL

E que outro poderia ser? Não és tu a minha querida mulher? Dá-me um abraço e vai-te embora. Dá-me.

*(Abre os braços para abraçar Deolinda. Angélica entra neste momento)*

## CENA IX

*Angélica com um papel e os ditos*

ANGÉLICA

Manuel?

*(Manuel, ouvindo a voz de Angélica, fica com os braços abertos na ação de abraçar Deolinda)*

DEOLINDA

Ah!

ANGÉLICA

O que é isto? Com os braços abertos?

MANUEL *(confuso)*

Estava mostrando o comprimento dos braços, para medida das camisas.

ANGÉLICA

Ah, a senhora é a Sra. Deolinda, que cose para fora e com muita honestidade?

DEOLINDA

Uma sua criada.

ANGÉLICA

E que vem em pessoa tomar medida aos fregueses... em suas próprias casas... e tudo com muita honestidade?...

MANUEL *(à parte)*

Elas pegam-se! *(Alto)* Minha ama!

DEOLINDA

Minha senhora, a honestidade guarda-se em toda a parte quando se é honesta; e quando não se é...

MANUEL (*para Deolinda*)  
Deolinda!

DEOLINDA (*continuando*)  
...mesmo sem que seja necessário sair-se de casa, praticam-se atos que envergonham...

ANGÉLICA  
O quê?

MANUEL (*para Deolinda*)  
Cala-te!

DEOLINDA  
...e dizem-se palavras indignas de uma senhora de bem...

ANGÉLICA  
A menina fala comigo?

DEOLINDA  
...e só próprias de uma vendelhona!

ANGÉLICA  
Insolente!

MANUEL  
Minha ama!

ANGÉLICA  
Já desta porta para fora... Já!

DEOLINDA (*com zombaria*)  
Ofendi a duquesa?

ANGÉLICA (*querendo ir sobre ela*)  
Desavergonhada!

MANUEL (*retendo-a*)  
Prudência!

DEOLINDA  
Será ela...

MANUEL (*afastando-as*)  
Prudência... Senhora minha ama! Sra. Deolinda!

ANGÉLICA  
Deixa-me ensinar esta malcriada!

DEOLINDA  
Malcriada será ela, velha de uma figa!

ANGÉLICA  
Velha?

*(Angélica e Deolinda forcejam para ir uma contra a outra)*

MANUEL (*para Deolinda, enganando-se*)  
Senhora minha ama! (*Para Angélica, do mesmo modo*) Deolinda!  
Diabo!...

## CENA X

*Francisco e os ditos.*

FRANCISCO  
Então, o que temos?

MANUEL  
Prudência, que aí vem gente.

FRANCISCO

Senhora D. Angélica... (*À parte, vendo Deolinda*) Deolinda por cá? Mau!

ANGÉLICA

Senhor Francisco, isto é um horror, um desaforo! O Sr. Manuel traz as suas costureiras – costureiras! – para casa e elas vem insultarem-me.

MANUEL

Eu, senhora minha ama? Eu, Manuel Pacheco? Pois bem, hoje mesmo sairei desta casa.

ANGÉLICA

Saíres de minha casa?

MANUEL

Desconfiam de mim... Que faço aqui? Não faço nada. Vou-me, vou-me com cem mil milhões de diabos!

ANGÉLICA

Manuel!

MANUEL

Adeus, senhora.

ANGÉLICA (*retendo-o*)

Não, tu não sairás... não posso... meu negócio não pode estar sem ti.

MANUEL

Deixe-me!

ANGÉLICA

Não! Sr. Francisco, ajude a segurá-lo

FRANCISCO

Então, Manuel, o que é isto?

DEOLINDA

Desgraçada de mim! Ela o ama! (*Vai a sair pelo fundo*)

ANGÉLICA

Manuel, Manuel, não me abandones.

## CENA XI

*Quintino e os ditos.*

QUINTINO (*encontrando-se a porta com Deolinda*)

Espere lá.

ANGÉLICA

Quem é?

MANUEL (*à parte*)

Meu cunhado...

FRANCISCO (*à parte*)

Temos!...

QUINTINO (*trazendo Deolinda para frente*)

Preciso de uma explicação.

DEOLINDA

Deixe-me!

ANGÉLICA (*para Quintino*)

Mas o que é isto, senhor?

MANUEL

Sim, o que é isto? Assim se entra por uma casa?

QUINTINO (*para Deolinda, sem dar atenção aos demais*)

Não estavas em casa. Muito estimo encontrar-te aqui. É preciso que todos me ouçam: Deolinda, disseram-me que tu te casaste ocultamente...

DEOLINDA

Eu?

MANUEL (*à parte*)

Mau!

ANGÉLICA

Casada!

QUINTINO

Não procures enganar-me; estou bem informado.

DEOLINDA

Pois bem, confessarei: Sou casada.

QUINTINO

Ah, confessas?

MANUEL (*à parte*)

Estou perdido!

FRANCISCO (*à parte e ao mesmo tempo*)

No que dará isto?

ANGÉLICA

É possível?

QUINTINO

Agora quero saber quem é teu marido.

DEOLINDA

Ah, ainda não sabe? Pois então pergunta ali o Sr. Manuel.

MANUEL

A mim?

ANGÉLICA (*ao mesmo tempo*)

A ele?

DEOLINDA

Sim; diga a meu irmão quem é meu marido.

MANUEL

Que eu diga?

ANGÉLICA

Que horrível desconfiança... E esta escritura? (*Querendo rasgar o papel*)

MANUEL (*Pegando-lhe na mão*)

Espere!

DEOLINDA (*à parte*)

O que ia eu fazendo?

MANUEL (*para Quintino*)

Senhor sargento, eu queria guardar segredo, porque assim mo pediram; mas como o negócio está meio divulgado, falarei. Fui padrinho do casamento...

ANGÉLICA

Tu?

MANUEL

E assim, sei quem é o marido.

QUINTINO

E quem é?

MANUEL

O Sr. Francisco.

FRANCISCO

Hein?

DEOLINDA

O que diz?

ANGÉLICA (*ao mesmo tempo*)

O Sr. Francisco?

QUINTINO

Ah, o senhor é meu cunhado?

FRANCISCO

Eu, senhor?

MANUEL (*abraçando-se com Francisco*)

Amigo, perdoa se falei... (*À parte para ele*) Salva-me, Chico, salva-me!  
(*Alto*) O negócio estava meio sabido... (*À parte*) Dize que te casaste...

FRANCISCO

Mas, se tu...

MANUEL

Está zangado porque falei. (*À parte*) Salva-me, Chico!

FRANCISCO (*à parte*)

Tranquiliza-te... (*Alto*) Enfim, como já se sabe, que remédio?... Estou casado com a senhora... A senhora... é minha mulher... (*À parte*) Já que assim quer seu marido...

ANGÉLICA (*à parte*)

Aqui há mistério...

QUINTINO

O que está feito, está feito. Lograram-me. Cunhado, aperta esta manopla. Quisera antes que a Deolinda se casasse com o alferes; mas enfim, também és bom rapaz. Vou ao "Gradil" encomendar um jantar; há de haver bebedeira grossa. Com licença da companhia; volto. (*Vai-se*)

MANUEL (*à arte*)  
Escapei de boas!

ANGÉLICA  
Com que, o Sr. Francisco é casado!

FRANCISCO  
O homem sacrifica-se, as vezes.

ANGÉLICA (*para Manoel*)  
E nunca me disseste nada.

MANUEL  
Segredo de um amigo.

DEOLINDA (*à parte*)  
Que papel faço eu aqui?

ANGÉLICA (*à parte*)  
Estou desconfiada; aqui engana-se alguém. Ah, se for a mim... (*Alto*)  
Manuel, vem comigo; o Sr. Francisco quererá ficar só com sua mulher...

MANUEL  
Só, com ela!

ANGÉLICA  
E o que tem isso?

MANUEL (*à parte*)  
Pergunta o que tem... (*Alto*) Nada, nada!

ANGÉLICA

Pois segue-me. (*À parte*) Há mistério!

MANUEL

Eu vou. (*À parte, para Francisco*) Chico!...

(*Angélica sai. Manuel acompanha Angélica, fazendo sinais para Francisco*)

## CENA XII

*Francisco e Deolinda.*

FRANCISCO

Pobre Manuel, a quanto o obriga a ambição!

DEOLINDA

Belo marido tenho eu, que me entrega a outro.

FRANCISCO

Então, Sra. Deolinda, que me diz a esta? Deve-me estar agradecida; salvei seu marido.

DEOLINDA

Que marido! Envergonha-se de ter-me por mulher.

FRANCISCO

Não é vergonha, é medo.

DEOLINDA

Medo? Antes me tivesse casado com outro.

FRANCISCO

Não me quiseste a mim por marido...

DEOLINDA

Vou-me embora.

FRANCISCO (*retendo-a*)

Espere.

DEOLINDA

Não posso mais estar aqui.

FRANCISCO

Devagar, não comprometa seu marido.

DEOLINDA

Deixe-me.

FRANCISCO

Sinto passos; aí vem ela. Dê-me um abraço. (*Abraça-a*)

DEOLINDA (*esforçando-se por sair de seus braços*)

Senhor!

### CENA XIII

*Os ditos, Angélica, seguida de Manuel, que traz algumas garrafas. Param à porta vendo Francisco abraçar Deolinda.*

FRANCISCO

Não se espante. Isto é por conta dele. Abrace-me, que ela nos vê.

DEOLINDA (*vendo Manuel*)

Ah, pois bem, abracemo-nos. (*Abraça-o*) Assim me vingarei dele.

MANUEL (*à parte*)

Isto não pode ser!...

ANGÉLICA (*retendo-o*)

E que te importa que o Sr. Francisco abrace sua mulher?

MANUEL

É indecente!

ANGÉLICA

Deixa-os lá e vem comigo.

*(Vai atravessando a cena e sai. Manuel vai acompanhando Angélica)*

DEOLINDA *(correndo e retendo Manuel no momento deste sair)*

Vem cá!

MANUEL

Traidora!

DEOLINDA

Ah, está zangado?

MANUEL

Abraçando-o!

DEOLINDA

Fiz muito bem; é para teu ensino.

FRANCISCO

Pateta, não vêes que era para melhor enganar tua ama?

MANUEL

Ah, era para isso? Perdoa-me, Deolinda. Chico, pega nestas garrafas.  
*(Dando-as a Francisco)* Se soubesses, Deolinda, o que tenho sofrido hoje!

FRANCISCO

Agora abracem-se.

MANUEL

Perdoa-me se te dei outro marido? Era para nosso bem. Dá cá um abraço.

DEOLINDA (*abraçando-o*)  
Sou muito boa em perdoar-te!

(*Francisco, enquanto os dois se abraçam, desarrolha uma garrafa e bebe*)

MANUEL  
Minha mulherzinha, aperta!

#### CENA XIV

*Angélica e os ditos.*

ANGÉLICA (*da porta*)  
Que escândalo! Que escândalo! (*Francisco, Manuel e Deolinda ficam espantados*) Assim deixa abraçar sua mulher? E vê isso bebendo? Que imoralidade! Que escândalo!

FRANCISCO  
Foi por distração e sede.

MANUEL  
É afilhada... Sou padrinho, e bem vê...

ANGÉLICA  
Sim é afilhada! (*Para Francisco*) O senhor, pelo que vejo, não é ciumento... E a menina... Está bonito!

FRANCISCO  
Entre amigos não deve haver ciúmes – e quando há confiança na amizade, bebe-se.

ANGÉLICA  
E dorme-se... Tem razão. Mas olhe que há muita gente que assim se perde pela confiança que tem nos amigos... (*À parte*) Eu saberei como isto é. (*Para Manuel*) Vai acabar de arrumar as garrafas.

MANUEL (*à parte, para Francisco*)

E cuidado com a bicha. (*Vai-se*)

ANGÉLICA (*para Francisco*)

Tinha que lhe dar uma palavra... Mas ao senhor só.

FRANCISCO

Deolinda, vai-me esperar lá em casa.

DEOLINDA

Eu vou. (*À parte, para Francisco*) Diga a Manuel que lá o espero. (*Sai*)

## CENA XV

*Angélica, e Francisco, e depois Manuel e Quintino.*

ANGÉLICA (*à parte*)

Hei de saber como isto é... Empregarei um meio...

FRANCISCO

A Sra. Angélica está tão pensativa!

ANGÉLICA

E tenho motivos para isso. Sr. Francisco, é preciso que eu seja sincera com o senhor.

FRANCISCO

Há muito que isso desejo.

ANGÉLICA

O senhor tem-me dado a entender que minha mão lhe seria agradável...

FRANCISCO

Senhora...

ANGÉLICA

Não tenho correspondido às suas finezas, porque, enfim... uma mulher vexe-se... Esperava poder confessar um dia esse segredo, mas ah, enganei-me, enganei-me!

FRANCISCO

D. Angélica!

ANGÉLICA

Foi uma zombaria! Eu, que o amava...

FRANCISCO

A mim?

ANGÉLICA

Sim, ingrato, a ti.

FRANCISCO

Oh! (*À parte*) O Manuel que se arranje como puder; eu falo.

ANGÉLICA

A mim, semelhante traição! A mim, que já havia feito esta escritura de casamento; vê... Só o nome está em branco. O lugar era para o teu.

FRANCISCO

Dá-me!

ANGÉLICA

Agora de nada serve. (*Quer rasgar*)

FRANCISCO

Não rasgue!

ANGÉLICA

Estás casado.

FRANCISCO

Casado! (*À parte*) Leve o diabo o Manuel! (*Alto*) Angélica, quem te disse que estava casado, mentiu.

ANGÉLICA  
Mentiu?

FRANCISCO  
Eu não estou casado.

ANGÉLICA  
Não estás casado? E quem é o marido de Deolinda?

FRANCISCO  
Não lhe posso dizer, mas juro-lhe que estou tão solteiro como quando nasci. Eis-me a seus pés! (*Ajoelha*) Dê-me essa promessa.

ANGÉLICA  
Levanta-te.

*(Quintino aparece à porta do fundo e fica surpreendido, vendo Francisco aos pés de Angélica)*

FRANCISCO  
Não me levantarei enquanto não me der a sua palavra que me fará ditoso.

QUINTINO  
O marido de minha irmã ao pés de outra mulher?

ANGÉLICA  
Lá de fora podem ver-nos...

FRANCISCO  
E que vejam! Não serei eu seu esposo?

*(Manuel aparece à porta da direita e, vendo Francisco de joelhos. Fica estupefato)*

ANGÉLICA

Talvez, mas levanta-te.

FRANCISCO

Não.

MANUEL

Muito bem, muito bem! Amigo falso!

FRANCISCO (*levantando-se*)

Ah!

ANGÉLICA

Ah!

MANUEL

Muito bem!

FRANCISCO

Desculpa-me... Ela me ama e eu também a amo.

QUINTINO (*que nesse tempo tem-se se aproximado, segura a Francisco pela gola da jaqueta, dizendo*)

Ah! Tu a amas? E minha irmã, tua mulher?

FRANCISCO

Ai!

QUINTINO

Assim a enganas, patife?

FRANCISCO

Sua irmã não é minha mulher.

QUINTINO

Negas?

ANGÉLICA (*para Manuel*)

Quem é o marido?

MANUEL

Não sei.

*(Angélica toma a Manuel pelo braço. Quintino faz o mesmo a Francisco, todos falam ao mesmo tempo)*

ANGÉLICA (*para Manuel*)

Quem é o marido? Para que me enganaste? Dize já, quero saber. Ah, não dizes? Eu me vingarei, me vingarei.

MANUEL (*para Angélica*)

Não sei... Posso lá saber quem é o marido de todas as mulheres? Disse o que me disseram; pode ser que me engane. Senhora minha ama, deixe-me, assim não nos entendermos.

QUINTINO (*para Francisco, a quem ameaça com a espada*)

Pensas que assim hás de mangar com o Sargento Quintino? Primeiro hei de tirar-te as tripas, pô-las ao sol. Enganar minha irmã! Tira as mãos... enfio-te... mariola... tira as mãos!

FRANCISCO (*esforçando-se para sair das mãos de Quintino*)

Deixe-me, não sou seu cunhado, já lhe disse. Ai, ai, não me mate! Ai, quem me acode? Juro que não é minha mulher! Ai, ai!

*(Todos acabam gritando)*

## CENA FINAL

*Antônio e José, armados de achas de lenha, Deolinda e os ditos.*

ANTÔNIO (*entrando*)

O que aconteceu?

DEOLINDA  
O que é, Quintino?

ANTÔNIO  
Senhora minha ama!

DEOLINDA  
O que foi?

QUINTINO (*para Deolinda*)  
O que foi? Vim encontrar teu marido aos pés desta senhora.

DEOLINDA  
Meu marido de joelhos a seus pés?

QUINTINO  
Sim, dizendo que a amava.

DEOLINDA (*indo para Manuel*)  
Traidor!

MANUEL  
Hein?

DEOLINDA  
Assim é que me guardavas fidelidade?

ANGÉLICA  
Ah!

QUINTINO  
Olha que te enganas!

DEOLINDA  
Não, não me engano; este é o meu marido.

QUINTINO

Seu marido?

ANGÉLICA (*ao mesmo tempo*)

O Seu marido?

MANUEL (*à parte*)

Ai, ai, ai!

FRANCISCO (*à parte e ao mesmo tempo*)

Pobre Manuel!

ANGÉLICA (*para Manuel*)

Ah, tu eras casado e enganavas-me!

DEOLINDA

A mim é que enganava.

QUINTINO

Então, com todos os diabos, quem é aqui meu cunhado?

MANUEL (*apontando para Francisco*)

É ele! É ele!

FRANCISCO (*apontando para Manuel ao mesmo tempo*)

É ele! É ele!

QUINTINO (*para Deolinda*)

Ambos?

ANGÉLICA

Espere Sr. Sargento, que eu porei estas coisas em ordem. (*À parte, para Manuel*) – Ingrato, tudo está explicado e eu me vingarei!

MANUEL

Minha ama!

ANGÉLICA (*repelindo-o com gesto desprezador*)

Senhor Francisco, aqui está a escritura de nosso casamento. (*Dá-lhe o papel*)

FRANCISCO

Quanto sou ditoso!

MANUEL

Mas senhora...

ANGÉLICA (*interrompendo-o*)

O Sr. Manuel terá a bondade de procurar outro arranjo, porque hoje deixa de ser o meu caixeiro. Tenho um marido e nele um sócio.

MANUEL

Um sócio! (*Para Francisco, na maior desesperação*) Amigo infiel e pérfido, és a causa da minha desgraça e perdição!

FRANCISCO

Eu, Manuel?

MANUEL

Sim.

FRANCISCO

Fiz o que pude por ti, fui marido de tua mulher... Tu és o culpado, eu não.

MANUEL (*voltando-se para Deolinda*)

Então foste tu, mulher traidora!

DEOLINDA

Eu? Não guardei segredo? Queixa-te de ti; de mim, não.

MANUEL (*para Quintino*)

Então foste tu, barbaças do diabo!

QUINTINO (*ameaçando-o*)

Passe de largo!

MANUEL (*voltando-se para Angélica*)

Ou tu, carocha do inferno!

ANGÉLICA

Maroto! Já por esta porta fora e vai ser caixeiro de Belzebu!

MANUEL (*como louco*)

Caixeiro, sempre caixeiro! Oh, afastem-se de mim, que estou louco, desesperado, furibundo! Para longe! Serei sempre caixeiro, caixeiro, caixeiro! Pagarei sempre imposto, como uma saca de café, um burro, um cavalo. Não sou nada no mundo. Cortem-me esta cabeça, pendurem-me na porta do açougue. Sou um boi; paguei direitos na barreira. Sou um boi. (*Assim dizendo, principia a berrar como um boi*)

TODOS

Manuel! (*Manuel berra*)

DEOLINDA

Meu Deus, está louco!

TODOS

Louco!

(*Manuel berra*)

DEOLINDA

Que desgraça!

FRANCISCO (*ao mesmo tempo*)

Coitado!

QUINTINO (*ao mesmo tempo*)

Pobre homem!

ANGÉLICA (*ao mesmo tempo*)

Faz-me pena!

MANUEL (*traz Antônio pelo braço para a frente do teatro*)

Antônio, eis-me de joelhos a teus pés. (*Ajoelha*) Lembra-te da amizade que nos uniu e faze-me o último favor. (*Abre a camisa*) Enterra-me no coração essa acha de lenha, traspassa-me o peito com ela. Não queres?

ANGÉLICA

Manuel!

MANUEL

Quem me chama?

ANGÉLICA

É tua ama! Manuel, esqueço-me da afronta que me fizeste e lembrar-me-ei somente dos serviços que me tens prestado... Será nosso sócio, não é assim, Chiquinho?

FRANCISCO

Sim, serás nosso sócio.

DEOLINDA

Serás sócio!

(*Manuel levanta-se pouco a pouco, como procurando fixar-se no sentido das palavras que lhe dizem*)

ANGÉLICA

Serás nosso sócio, ficarás conosco. Eu te perdoo.

MANUEL

Sócio! Ouviram bem meus ouvidos? Serei sócio! (*Caindo de joelhos e levantando as mãos para o céu*) Oh, meu Deus, está satisfeita a minha ambição!

(*Todos falam ao mesmo tempo*)

DEOLINDA  
Está salvo!

QUINTINO  
Pobre sócio!

ANGÉLICA  
Pobre Manuel!

FRANCISCO  
Pobre amigo!

MANUEL  
Serei sócio!



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)